

# Para uma semiótica do terror (branco) – em torno de *O Terrorista* de John Updike

JOSÉ AUGUSTO MOURÃO \*

E dato che le guerre somigliano sempre di più a perazioni di polizia e che lo scopo delle forze dell'ordine è prevenire, c'è il rischio che, in futuro, più che gli atti conterranno le intenzioni Terroriste, da correggere in funzioni di idee politicamente corrette sulla virtù. Bruto affare.

PAOLO FABBRI

Les singularités apparaissent lorsque l'on soumet en quelque sorte l'espace à une contrainte. La manche de ma veste, si cela comprime, je fais apparaître des plis. C'est une situation générale. Cela ne relève pas de la mécanique des matériaux. J'énonce en réalité un théorème abstrait: lorsqu'un espace est soumis à une contrainte, c'est-à-dire lorsqu'on le projette sur quelque chose de plus petit que sa propre dimension, il accepte la contrainte, sauf en un certain nombre de points où il concentre, si l'on peut dire, toute son individualité première. Et c'est dans la présence de ces singularités que se fait la résistance. Le concept de singularité, c'est le moyen de subsumer en un point toute une structure globale.

RENÉ THOM (1991)

Os sociólogos sabem que o mundo não é um continente sólido de factos, mas um vasto oceano de incertezas (Latour, 2006: 353). Os semiólogos sabem que os textos são palimpsestos e que o sentido se constrói. Os literários, enfim, mais do que ninguém, sabem que o absoluto literário não existe (Jacques, 1987: 70). A relação entre disciplinas é transdisciplinar quando as diferenças entre disciplinas e o *media* que cada uma estuda se suspendem em favor do estudo de um tema comum, *v.g.* a representação do martírio; ou pode ser interdisciplinar quando várias disciplinas desenvolvem reflexivamente métodos de outras disciplinas, quer porque o objecto o requer, quer porque a abordagem é mais produtiva quando não confinada

---

\* Professor Associado com Agregação da Universidade Nova de Lisboa, Presidente do ISTA (Instituto S. Tomás de Aquino).

a tradições disciplinares (Bal, 1988). O risco da transdisciplinaridade é sobretudo o sinal de uma impaciência. Espera-se um cruzamento de resultados disciplinares que quase nunca chega. Mas só a impaciência e a imprudência nos tentam a operar este cruzamento. Há «regras» e «regularidades» a estudar que não são apenas transversais aos resultados das outras disciplinas, com aplicação ulterior relativamente a esses resultados. É porque os fenómenos são heterogêneos que há várias disciplinas que se devem ocupar deles, embora a resolução desta heterogeneidade, graças à semiose, não pertença a essas disciplinas, mas à semiótica, que constitui a «significação» desses fenómenos (Fontanille, 2006: 171).

Abordarei o livro de John Updik de um ponto de vista semiótico, sabendo que outras leituras, mais compreensivas, nos levariam a outras expansões interpretativas, outras derivas. Uma abordagem deste tipo obriga, antes de mais, a isolar e a identificar o texto em questão. Um texto tem uma espessura, não é um vidro transparente que faria passar sem deformação a informação sobre aquilo que estudamos. Um texto tem uma espessura estrutural e uma espessura interpretativa. Como única fonte de informação temos apenas as marcas textuais, evitemos por isso recorrer a interpretações externas ou a comentários precedentes, que, embora necessários à compreensão do texto, impõem frequentemente uma leitura *a priori*. É preciso fazer falar o texto a partir de traços textuais e não a partir de interpretações externas ou de intenções interpretativas *a priori* (análise psicológica dos personagens, intenções supostas do autor, análise genética, contexto histórico, etc.). No que toca à interpretação e à compreensão, é sabido que a significação completa de um texto, o seu «sentido» e a sua interpretação não resultam apenas da análise linguística. O objectivo é fazer surgir «uma» (não «a») significação da organização dos significantes textuais, sem paralisar a análise através de considerações externas ao texto, e estudar a coesão e a coerência textuais.

### A estrutura narrativa

Muito resumidamente *O Terrorista* conta a história de um jovem muçulmano de 18 anos, Ahmad, numa pequena cidade dos arredores de Nova Iorque. Ahmad é filho de uma americana *hippy*, enfermeira, que tem a pintura como *hobby*, e de um egípcio que chegou aos Estados Unidos através de um programa de intercâmbio de estudantes. Ahmad mal conheceu o pai, *hippy* também, que abandonou o lar pouco depois do casamento. Convertido ao Islão, Ahmad encarna a figura do mártir longamente preparado para o «grande feito» pelo seu mentor, o xeque Rashid, com quem aprende o Corão. O seu entendimento da *jihad* («a luta para nos tornarmos

santos e chegarmos mais perto de Deus») levá-lo-á a assumir o papel do mártir, numa operação que consistirá em conduzir o camião carregado de explosivos que deverá fazer ir pelos ares o Túnel Lincoln que liga Nova Jérsey e Manhattan. Acto falhado pela intervenção do seu professor, Jack Levy, um judeu descrente, uma figura niilista de uma América aqui cruamente retratada.

O modelo narrativo propõe quatro fases, que permitem passar de uma situação inicial problemática a uma situação final em que o problema é resolvido. A fase dita da manipulação (do fazer-fazer) corresponde a esse primeiro momento em que se persuade alguém a intervir para resolver o problema em questão. Um segundo momento corresponde à aquisição de competências para conseguir levar a bom porto essa operação. Um saber, um poder, um querer, um acreditar são geralmente requeridos para «armar» um sujeito-herói. À transformação segue a sanção (no sentido de posicionamento de uma verdade e não de punição de um culpado). Nem sempre o esquema narrativo é tão linear. Qualquer narrativa encena uma guerra de perspectivas, de interesses, de valores. Isto significa que não há narrativa sem estratégia, sem plano e sem missão – sem programa narrativo, logo sem transformação de estados e sem operações. A própria ideia do «ponto de vista» pode ser definida como a identificação do sujeito discursivo com um ou outro dos sujeitos narrativos (Greimas, 1975: 171). Porém, qualquer narrativa comporta pelo menos dois programas narrativos correlatos, o do sujeito e o do anti-sujeito. Onde os heróis, os coadjuvantes, os oponentes, os destinadores epistémicos, as sanções. Este texto coloca a «*jihad*» e a «ciberguerra» nesse quadro. Outros colocarão o sujeito como lugar de combate entre o desejo de viver e o desejo de morrer. Há que formular uma mediação entre os valores linguísticos, estritamente diferenciais e «vazios» de conteúdo, e os valores narrativos, imanentes, que, na perspectiva greimasiana, são julgados imanentes ao devir do sujeito e à sua busca do «sentido da vida». Ora, é exactamente essa a questão nuclear deste texto. O que está em causa é o sistema de valores que dividem e opõem duas formas de vida em presença: os «demónios», os «exércitos de Satanás», os «impuros», a «Hidra», o «niilismo», a «falta de fé», os «valores democráticos», «ateus», contra «Alá» e os valores dos «puros» islâmicos, indefectíveis na sua fé e prontos a enfrentar a morte para defesa da religião verdadeira e do «Caminho Certo». Jack Levy exprime melhor do que qualquer personagem a falha que desencadeará em Ahmad a sua disponibilidade para agir:

Há uma certa avidez pelo Absoluto, quando tudo é tão relativo, quando todas as forças económicas exigem gratificação instantânea e dívidas no cartão de crédito para o conseguir... Os miúdos como Ahmad precisam de uma coisa que a sociedade já não lhes oferece. A sociedade já não os deixa ser inocentes. Os árabes loucos têm razão... hedonismo, niilismo, não oferecemos mais nada. (p. 189)

É a esse niilismo que Ahamad reage, convertendo-se em sujeito transformacional competente, dotado de um querer e de um poder.

Diferentes programas estão imbricados uns nos outros. Detalhemo-los seguindo o texto.

1. Um primeiro programa engloba a totalidade do texto. O destinador deste programa é, em última instância, aquele que Ahmad, o sujeito herói, sente estar tão próximo de si como a veia do pescoço. Outras personagens intervêm neste programa: o velho xeque Rashid, que lhe ensina os fundamentos do islamismo radical, o amigo Charlie, a quem cabem os papéis do adjuvante, e Jack Levy, o seu professor judeu, igualmente coadjuvante, com um papel contrastante na formação de Ahmad. O espaço deste programa é, globalmente, o da comunicação persuasiva. Trata-se neste primeiro programa de uma manipulação persuasiva e não de um conflito. Neste caso, a persuasão alcança o seu objectivo: Ahmad entra plenamente na estratégia dos seus adjuvantes sem confrontação polémica. Deus contra os americanos egoístas e materialistas. Deus contra a América.

2. Um segundo programa cabe a Jack Levy, o seu professor judeu, que, de outra forma, é igualmente o seu adjuvante, mas em que a tentativa de manipulação falha, porque aqui a resistência aos objectos-valores que Levy propõe é por ele próprio desacreditada. Levy é a figura do niilista que não acredita em nada: nem no país que é o seu, nem no trabalho que faz, nem na mulher com quem vive.

Ahamad é um rapaz de grande valor, mas vive atormentado pelo zelo que a sua religião lhe incute contra aqueles que considera os «inimigos». Ahmad vai ser o «escolhido» para infligir um golpe de morte no «inimigo». Para isso, conta primeiro a sua própria disposição, a partir de um destinador invisível (Deus) que encontra nele o herói e a vítima que ferirá de morte «a cultura ocidental sem Deus». Há então um herói voluntário para intervir. Faltam-lhe a competência de *saber* o que fazer e a de *poder* fazê-lo. Dois programas contribuirão para a aquisição dessas competências; um de ordem cognitiva, outro de ordem pragmática. A catequese do xeque Rashid preencherá este primeiro programa, não sem questionamento e resistência, como se em Ahmad o *acreditar* se sobrepusesse ao *saber* do xeque. O segundo programa consiste em tirar a carta de condução de pesados, o que ele consegue com sucesso. A fase que precede a transformação terá lugar na firma dos Chehabs, a Excellency Home Furnishings. É aí que Ahmad aprende a conduzir o *Ford Triton E-350 Super Duty*. O programa principal, a destruição do túnel Lincoln, não chegará a ocorrer, por interpostos antiprogramas, que, entretanto, sobrevêm. Donde o carácter deceptivo desta narrativa.

## Objectos de valor

O discurso não é apenas um campo de presença, supõe também, como J. Fontanille tem sublinhado, valores e uma orientação (Fontanille, 1999: 73). Dizia Hjelmslev que «há termos precisos e termos vagos e, o que sobretudo importa, parece que um sistema é frequentemente organizado sobre a oposição entre, por um lado, termos precisos e, por outro, termos vagos» (1985: 33). Esta hipótese, que introduz desde logo a incerteza no sistema, é seguida por uma outra que marca os limites do binarismo: «qualquer sistema de dois termos é organizado pela oposição entre um termo preciso e um termo vago» (1985: 34). Para obter um objecto de valor é necessário apresentar um contra-valor, exercer um fazer persuasivo que valorize o objecto em questão, que não se obtém sem a adesão da parte contratante. A persuasão visa o estabelecimento de um contrato fiduciário. Ora, não há contrato fiduciário sem se manifestarem as condições de emergência do objecto que o permitam apreender como objecto de valor. Num primeiro momento o objecto define-se como sombra de valor, quer dizer que o sujeito começa apenas por «sentir a sua valência». Ocupando uma posição no seu percurso sintáctico, o objecto é uma forma, um contorno de objecto comparável àquele que projecta diante dele o sujeito quando da percepção da *Gestalt* e que é co-definicional ao sujeito. O investimento semântico é que faria finalmente o objecto de valor. Os objectos são sempre objectos-valor, correspondem à infinitização do desejo e funcionam como ficções: o «como se», que não designa uma simulação, mas instaura o espaço de um jogo, de uma mobilidade incessante entre os signos, como escreve Mondzain.<sup>1</sup> É nesta correspondência que se singulariza a estrutura tensiva, como modelo mínimo que permite saber de que se fala quando descrevemos tensões semânticas. Por uma razão simples: o esquema tensivo explica, antes de mais, o modo como os valores se formam a partir das percepções (em intensidade e em extensão); e só a seguir os valores em questão podem ser organizados em «sistema de valores» através do quadrado semiótico, graças às operações de negação e de asserção. O modo de fazer semiótico exige que a posição do termo /persuadir/ faça necessariamente emergir o seu termo contraditório que será, neste caso, /dissuadir/. É claro que o fazer persuasivo é uma forma em expansão de um /fazer-querer/, como o fazer dissuasivo releva de um /fazer-não-querer/. No nosso texto, a *dixis* da persuasão cabe a vários actores presentes no programa narrativo 1: o xeque Rashid, Charlie. O professor Levy ocupa o pólo da dissuasão. Porém, este texto não permite concluir que o sujeito manipulado o seja de fora: Ahamad estabelece-se a si próprio como sujeito que livremente escolhe «dar a vida». Os restantes actores apenas intervêm neste quadro como adjuvantes e não como destinadores.

## Actores

A ciência serve para descobrir a estrutura escondida que explica a conduta dos agentes que parecem agir mas que, de facto, não são senão desdobramentos de uma outra coisa. Os termos «social», «simbólico», «discursivo» não definem os actores humanos nem as múltiplas formas de existência que levam à acção. A sociologia do actor-rede ignora completamente a guerra entre o objecto e o sujeito (Latour, 2006: 110). A explicação estruturalista e a sociologia do actor-rede são incompatíveis. O estruturalismo ocupa-se dos sistemas de transformação. A uma situação I segue-se uma situação III, com passagem pela situação II, que é a passagem do virtual ao actual). Como Latour escreve: «Ou temos actores que realizam potencialidades e não temos actores, temos actores que actualizam virtualidades, o que exige textos específicos.»<sup>2</sup> Escusado será dizer que um actor não é uma pessoa, nem na perspectiva sociológica, nem na perspectiva semiótica.

Um «actor», no sentido em que é utilizado na expressão «actor-rede», não é a fonte de uma acção, mas remete para uma redistribuição de uma multiplicidade de acções. Um actor em cena nunca está só nem é o único a agir. Este conceito obriga a pensar que a origem da acção é fonte de incerteza. A acção é sempre emprestada, distribuída, sugerida, traída, traduzida. Como Jesus na cruz, é dos actores que se deveria dizer: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34). O actante é um operador sintáctico: como antropomorfizá-lo? A semiótica das paixões interessa-se pelo «actante» e não necessariamente pelo «sujeito»; como Coquet mostrou, o actante só pode ser um «sujeito» sob determinadas condições metamodais; e, por outro lado, o estado passional do actante não é a melhor situação para fazer dele um «sujeito». A «subjectividade» (mais do que o «sujeito») é um dos «efeitos» possíveis, um efeito da estrutura do actante. De resto, quando a teoria das catástrofes trata as relações actanciais como a modificação das energias num «poço de potencial», vemos que a distinção entre sujeito e objecto é relativa ao estado destes potenciais, e não a uma predeterminação independente.

## Papéis temáticos

O espaço é um dos eixos fundamentais da organização discursiva. A construção das figuras mais pregnantes neste texto implica formas de espaço em que se manifestam. O ponto de partida da semiótica é este: enunciar é projectar num discurso grandezas figurativas de um campo figurativo. Tal significa que a enunciação se desenvolve no quadro da espacialidade, da temporalidade e da actorialidade.

Como é sabido, a organização das figuras espaciais participa da forma figurativa do conteúdo. Mais, a disposição discursiva do plano figurativo «baralha» a representação do mundo, e não apenas no sentido de uma metamorfose ficcional do mundo «real», mas no sentido em que afecta simultaneamente o ponto de vista, as condições da percepção e a função icónica dos elementos figurativos. Este «baralhão» não significa uma abolição da representação, mas uma mudança de estado da figuração, assinalando uma outra referência.<sup>3</sup> Em último caso, toda a cultura se pode entender como projecção de imagens no espaço e no tempo. A rede dos espaços mentais não conhece outra forma de ligar representações. Nem a racionalidade científica e técnica dispensa um espaço imaginário. Ora, nós representamos mesmo objectos impossíveis (Escher-Bach). Um matemático topólogo, René Thom, para responder a fenómenos físicos irrepresentáveis, interessou-se por formas a que chamou «singularidades» – são formas que num dado momento podem evoluir, atingir um limite para lá do qual a forma desaparece: é um momento «catastrófico», uma ruptura, um ponto crítico e de não-retorno.<sup>4</sup> O «terrorista» é a figura do «inimigo» aqui sem a complexidade dos papéis actanciais e dos papéis que desempenha enquanto delegado de várias espécies de destinadores: assume Ahmad o papel de delegado do anti-destinador ou de anti-sujeito-destinatário do seu anti-destinador social que seria o «Islão» vs. América? Em semiótica diz-se que a conjunção com o objecto de valor não é a consequência de uma «prova», mas de um dom, o que quer dizer que o sujeito que o efectua é um destinador. O estado de alma que define o sujeito comporta dois sentimentos de uma intensidade extrema: a) o ódio; b) o terror; c) o desprezo. Se recorremos ao dicionário, o *terror* é um «medo extremo», o *ódio* «uma viva inimizade que leva a desejar ou a fazer mal a alguém». Se tentamos encontrar o mínimo de traços pertinentes que permitem opor os dois lexemas, verificamos que os dois podem ser inscritos, enquanto predicados, nos enunciados de dois actantes e que estes dois estabelecem uma relação orientada entre si, relevando ambos da modalidade do /querer/. Cada efeito afectivo tem de ser analisado em dois planos: de uma análise modal que permite caracterizar a competência do papel passional, ou melhor, a sua disposição afectiva, e uma análise tensiva que incide sobre os valores de intensidade e de extensão da expressão afectiva. Teremos assim de postular uma sequenciação que inclui as crenças, as motivações, as atitudes e as efectuações. Ahmad vive ansioso por fazê-lo. Não falta a este sujeito-herói o despertar para a acção, a competência, o querer/fazer, a fé forte, a sanção de Deus – «Deus é minha testemunha» – com vista ao acto glorioso. Mas finalmente esta é uma narrativa de transformação zero. O seu registo é predominantemente cognitivo, não pragmático. A efectuação falhou. De facto, o «terrorista» não comete qualquer tipo de acção que o denuncie como o fautor de um acto de terror. A fase da glorificação nunca

chegará. A sanção também não. *O Terrorista* é uma narrativa de estados de alma, em que a paixão (nas formas da raiva, do ódio, da fúria) é o verdadeiro Destinador que instiga à acção.

### A vida e a morte

«A comunidade (*umma*) sem a fé é uma semente que não dá fruto» (p. 212). A figura da semente tem claramente uma função parabólica. O sementeiro, à semelhança da parábola do sementeiro (Mt 13, 24-30), é o «fiel», e o campo é o mundo. No tempo das colheitas, os filhos do maligno são «figurados» como escândalos e fautores de iniquidade. O filho do maligno faz fracassar o processo de crescimento provocando o arrancar prematuro do joio e do trigo. Estão destinados a desaparecer no fogo. Não deixa de ser sintomático o paralelismo que encontramos também aqui, entre as exigências do texto bíblico (Mt 10, 32-39) em relação à família e aquilo que neste texto recebe a designação de potencial «inimigo»: as próprias mulheres e os filhos como anti-sujeitos – porque podem distrair da *jihad* (p. 102). Não estamos sós no mundo. «Nós fazemos» isto ou aquilo. O «eu» e um «tu» que fazem o «nós» não estão necessariamente limitados a dois actores, mas podem ser os melhores representantes de um grupo de testemunhos e que são depositários de uma tradição contada por narradores e transmitida por testemunhos. Um sujeito apaixonado não é um, mas vários. A reacção do professor Levy – «Está a generalizar esse “nós”» (p. 270) – denuncia o estatuto desse actante colectivo que Ahmad incorpora. Tem razão J. Fontanille quando escreve que «a análise modal dos efeitos mostra que cada um destes efeitos corresponde a um estado da pluralidade modal dos sujeitos: estados tensivos, que caracterizam conflitos modais, equilíbrios e desequilíbrios no interior destes conflitos, mas também agenciamentos perceptíveis das modalidades, sob forma de séries, aglomerados, “famílias”» (Fontanille 1999: 90). Só uma grande conspiração, uma batalha, um grande feito pode alimentar um programa de acção contra uma cultura sem Deus. Onde o plano em curso que se revela sob forma figurativa: «Há um plano em curso para essas sementes que estão a ser regadas» (p. 185). Os infiéis não sabem morrer – é essa a sua fraqueza. A sua forma de vida torna-os escravos da imagem (daí a crítica à televisão) e idólatras do consumo. É certo que nenhum fiel, nenhum «puro» está ao abrigo dos «demónios do consentimento», das «tentações» da carne (que Joryleen encarna na perfeição), do fantasma da segurança. A potencialidade do fazer é precisamente aquilo que define o actante sujeito. Ahmad encontrou a fé aos 11 anos, sentindo Deus a seu lado «junto à veia do pescoço». Habitando-se a ser o «guardião de Deus», cedo



vive habitado pelo desejo de morrer pela *jihad*. Há neste texto uma clara distinção entre a guerra e a *jihad*. «A *jihad*. Não tem de significar guerra – declara Ahmad com voz entrecortada. – Significa o esforço para percorrer o caminho de Deus. Pode significar uma luta interior» (p. 138). Aqui se revela o lado cognitivo, reflexivo, da *jihad* como um movimento interior, uma disciplina para chegar a «Deus», o objecto último do programa que move o sujeito em função de um objecto-valor infinito. Para ele, até Jack Levy lhe aparece como um velho demónio judeu, mundano e fingidamente paternal. O mundo morto, atolado na descrença é incapaz de dizer sim à vida – a mãe de Ahmad, uma americana típica, não obstante a sua descrença, acredita na religião como numa atitude, mas é uma atitude incapaz de renúncia e de sacrifício pessoal.

### Coda

Está em causa nesta narrativa o sistema da crença. À certeza e à convicção opõem-se o niilismo e o ceticismo. O acreditar integra o conhecer e o saber. No sistema de crença de Ahmad não há lugar para a hesitação, para a dúvida ou mesmo para o questionamento. Ele sente-se directamente investido por um Destinador epistémico (Deus) das modalidades que o levarão a agir. É a firmeza, não o medo que lhe dão a intensidade com que se prepara e a seguir age. É verdade que no final a inquietação acaba por afectar o seu estado de espírito, tolhendo-o: a aparição das crianças que seguem na carrinha cor de bronze e que obstaculiza a sua marcha para a morte. Só podemos falar do paraíso, do inferno ou do caminho a partir de crenças colectivas e de um campo axiológico e ideológico em relação ao qual se definem as representações idiolectais do enunciador John Updik. A competência receptiva do leitor é desde logo sobredeterminada. Para obter um objecto de valor é preciso propor um outro valor em seu lugar, organizando uma estrutura de troca. Este valor de troca será o dom da vida que Ahmad faz de si mesmo e que corresponde ao horizonte do PN1. Do ponto de vista de PN2, Ahmad será julgado como «traidor», ou «terrorista». Qual é o «Caminho Correcto»? Quem o poderá indicar: o Livro? O liberalismo tolerante, mas anémico, absorto na sua vida privada? O fundamentalismo pletórico, vítima da sua fantasia, caminhando intensa, cegamente para a morte? «Porque nos odeiam? O que há para odiar?, pergunta o secretário da defesa. Hermione responde de maneira teológica, parafraseando S. João: «Odeiam a luz». A moralização da história não podia ser mais maniqueia: de um lado do fio da batalha estão “eles”, as trevas; do lado do nosso fio de batalha está a luz. Nem o velho Habib Chehab entende esse ódio. Afinal, nos negócios

não há ódios: “este país é honesto e simpático”» (p. 136). E voltamos à figura da semente. A ressonância bíblica deste texto que aparece no exergo – «é melhor para mim morrer do que viver» – é desde logo uma sobredeterminação semântica com claras implicações na interpretação do texto: é do dom que se trata. Já a figura da semente remete para a fase da sanção como avaliação final da conformidade dos valores com a instância de destinação. Os filhos do reino na parábola evangélica serão revelados como justos. Os servidores da parábola não são decodificados. É nesse lugar vazio que se deve inscrever o leitor: fica ainda por compreender o que são o Filho do Homem, os filhos do reino, os filhos do maligno, o diabo e os anjos. Como intervir no processo de crescimento para dar fruto? A resposta da parábola é esta: *não temos de intervir*. Não podemos separar o trigo do joio: que os discípulos olhem o que cresce, o que tem futuro, sem olhar para trás. Arrancar o joio seria pronunciar um julgamento prematuro. J. Baudrillard (2002: 24) produziu uma das mais lúcidas análises do terrorismo quando escreve:

A tática do modelo terrorista consiste em provocar um excesso de realidade e em fazer desabar o sistema sob este excesso de realidade. A imensa insanidade da situação, a par da violência mobilizada do poder, viram-se contra ele, porque os actos terroristas são ao mesmo tempo o espelho exorbitante da sua própria violência e o modelo de uma violência simbólica que lhe é interdita – da única violência que ele não pode exercer: a da sua própria morte.

## NOTAS

<sup>1</sup> Marie-José Mondzain, *Le commerce des regards*, Paris: Seuil, 2003, p. 160.

<sup>2</sup> Bruno Latour, *Changer de société – Refaire de la sociologie*, Paris: La Découverte, 2005, p. 225.

<sup>3</sup> Brandt, «Qu'est-ce que l'énonciation?», in *Questions de sémiotique* (dir. Anne Hénault), Paris: PUF, 2002, p. 673.

<sup>4</sup> René Thom, *Paraboles et catastrophes*, Paris: Flammarion, 1985.

## BIBLIOGRAFIA

- BAL, Mieke (2002), *Travelling Concepts in The Humanities. A Rough Guide*, Toronto: Univ. of Toronto Press.
- BAUDRILLARD, Jean (2002), *O Espírito do Terrorismo*, trad. portug. de Fernanda Bernardo, Porto: Campo das Letras.
- BRANDT, Per Aage (2002), «Qu'est-ce que l'énonciation?», in *Questions de Sémiotique* (dir. Anne Hénault), Paris: PUF.
- FABBRI, Paolo (2004), *Segni del tempo. Un lessico politicamente scorretto*, Roma: Meltemi.
- FONTANILLE, Jacques (2006), «Conversations avec Jacques Fontanille», entrevista de Jean Cristtus Portela, *Alfa – Revista de Lingüística*, São Paulo, 50 (1), pp. 159-186.
- FONTANILLE, Jacques (1999), *Sémiotique et littérature. Essais de méthode*, Paris: PUF.
- FONTANILLE, Jacques e ZILBERBERG, Claude (1998), *Tension et signification*, Mardaga.
- GREIMAS, Algirdas J. (1975), *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques*, Paris: Seuil.
- HJELMSLEV, Louis (1985), *Nouveaux essais*, Paris: PUF.
- JACQUES, Francis (1987), «Le moment du texte», in *Le texte comme objet philosophique*, Paris: Beauchesne.
- LATOUR, Bruno (2006), *Changer de société – Refaire de la sociologie*, Paris: La Découverte.
- THOM, René (1991), *Prédire n'est pas expliquer*, Paris: ESHEL.
- THOM, René (1985), *Paraboles et catastrophes*, Paris: Flammarion.
- UPDIK, John (2006), *O Terrorista*, Porto: Civilização.